ISSN: 2358-8829

CONTRIBUIÇÕES DOS CURSOS DE LIBRAS DA UERN PARA A CAPACITAÇÃO DE PESSOAS OUVINTES NO USO DA LÍNGUA DE SINAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Giany Paiva Pedrosa [1]
Ítalo Santos Ferreira [2]

RESUMO

Esta pesquisa surge a partir das vivências docentes no ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), desenvolvidas no cargo de Instrutores de Libras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), instituição que oferta cursos com o objetivo de capacitar pessoas ouvintes para o uso da Libras e contribuir para a promoção da acessibilidade comunicacional da comunidade surda. Nesse contexto, objetivamos compreender, a partir dos relatos em sala de aula dos alunos ouvintes participantes, quais contribuições os cursos de Libras proporcionaram para suas vivências acadêmicas, profissionais e sociais no cotidiano. Para a realização da pesquisa, utilizamos uma abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa participante e no relato de experiência, considerando as interações construídas em sala de aula e os relatos compartilhados pelos participantes ao longo das formações. O embasamento teórico desta pesquisa está pautado na legislação brasileira referente à Libras, especialmente a Lei n.º 10.436/2002 e o Decreto n.º 5.626/2005, bem como nos estudos de Quadros (1997); Strobel (2008) Skliar (2016) e Quadros et al. (2023), que discutem questões relacionadas à educação de surdos, inclusão, cultura surda e ensino de Libras. Os resultados evidenciam que os cursos de Libras da UERN contribuem significativamente para a formação de sujeitos mais conscientes acerca da inclusão e das necessidades comunicacionais da comunidade surda, promovendo mudanças nas percepções dos participantes sobre a surdez e fortalecendo práticas mais acessíveis em diferentes contextos sociais. Além disso, os relatos apontam contribuições relevantes para a atuação profissional dos alunos ouvintes nas mais diversas áreas, bem como para a ampliação da difusão da Libras na sociedade. Dessa forma, compreende-se que os cursos ofertados pela UERN desempenham papel fundamental na promoção da acessibilidade linguística, da inclusão social e do fortalecimento da visibilidade da Língua Brasileira de Sinais do contexto educacional e social.

Palavras-chave: Relato de experiência, Libras, Comunidade Surda, Inclusão, Ensino para ouvintes.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, constitui uma língua de modalidade visuoespacial, dotada de

[1] Mestra em Educação Inclusiva. Professora do Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo (CAS), Mossoró - RN. Instrutora de Libras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, gianypedrosa@uern.br.
[2] Especialista em Libras. Instrutor de Libras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, italoferreira@uern.br.

ISSN: 2358-8829

estrutura gramatical própria e vinculada às experiências linguísticas e culturais das pessoas surdas. Seu reconhecimento jurídico representou importante avanço para a garantia dos direitos linguísticos dessa população e reforçou a necessidade de difusão da Libras em diferentes espaços sociais, educacionais e profissionais.

A difusão da Libras envolve, entre outras possibilidades, aa ampliação das condições de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Para o público ouvinte, que possui a língua portuguesa como primeira língua, a aprendizagem da Libras pode ser compreendida no campo do ensino de segunda língua (L2), com a particularidade de envolver uma língua de modalidade distinta daquela previamente adquirida. Gesser (2010) destaca a importância de práticas que favoreçam a interação e o uso efetivo da língua, em uma abordagem comunicativa. Nessa perspectiva, aprender Libras ultrapassa a memorização de sinais isolados e envolve a construção de conhecimentos que possibilitem a participação em situações de comunicação. Rosário, Brito e Brito (2025) também ressaltam a importância de estratégias pedagógicas que considerem as especificidades visuoespaciais da língua e favoreçam a participação dos aprendizes.

As instituições de ensino superior constituem espaços relevantes para a difusão da Libras por meio da extensão universitária, ampliando o acesso à aprendizagem da língua para além dos componentes curriculares das graduações. Entretanto, os cursos de Libras como L2 ofertados por instituições brasileiras apresentam diferentes configurações quanto à organização, duração, conteúdos e materiais didáticos. Ao investigar essas ofertas, Viana (2026) identifica um campo ainda em processo de consolidação e destaca a necessidade de compreender a Libras a partir de referenciais próprios do ensino de segunda língua.

Na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), os cursos de extensão de Libras integram as ações destinadas à difusão da língua e à formação de pessoas ouvintes. No semestre 2025.2, foram ofertadas quatro turmas de Libras Básico, nas modalidades presencial e virtual e nos turnos matutino e noturno, com 30 participantes inicialmente matriculados em cada turma. Ao todo, 120 cursistas iniciaram a formação e 47 a concluíram. Durante os cursos, além dos conhecimentos linguísticos previstos para o nível básico, foram promovidas situações de interação e discussões relacionadas à Libras, à comunidade surda e às experiências dos participantes em diferentes contextos cotidianos.

As interações desenvolvidas durante as formações e os relatos compartilhados pelos cursistas relacionaram a aprendizagem da Libras a situações acadêmicas, profissionais e sociais, incluindo possibilidades de comunicação com pessoas surdas. A esses registros somaram-se as avaliações realizadas ao final das formações, utilizadas como fonte complementar para a

ISSN: 2358-8829

compreensão das percepções dos participantes. A sistematização dessas experiências possibilita refletir sobre as contribuições das ações extensionistas destinadas ao ensino de Libras para ouvintes, articulando os conhecimentos linguísticos trabalhados aos sentidos atribuídos pelos próprios cursistas à aprendizagem da língua.

Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo compreender, a partir dos relatos e das percepções dos alunos ouvintes participantes, as contribuições proporcionadas pelos cursos de Libras Básico da UERN, ofertados no semestre 2025.1, para suas vivências acadêmicas, profissionais e sociais no cotidiano, refletindo sobre as possibilidades do ensino de Libras para ouvintes na ampliação dos conhecimentos linguísticos, das possibilidades comunicativas e da compreensão acerca da língua e da comunidade surda.

Nas próximas seções iremos discorrer acerca da metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, em seguida o embasamento teórico nos deu base para as discussões presentes nesta pesquisa, os resultados e discussões que mostrarão os achados durante o desenvolvimento desta trabalho, e por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa participante e no relato de experiência, desenvolvida a partir das vivências docentes nos cursos de extensão de Libras Básico ofertados pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no semestre 2025.2. O relato de experiência possibilita a sistematização e a análise reflexiva de experiências vivenciadas, transformando a prática em objeto de reflexão e produção de conhecimento (Daltro; Faria, 2019). No âmbito deste estudo, o caráter participante relaciona-se à inserção direta dos pesquisadores no contexto da experiência analisada, uma vez que integraram a ação extensionista e acompanharam o processo formativo, as interações estabelecidas nas aulas e as experiências compartilhadas pelos cursistas.

A experiência envolveu quatro turmas de Libras Básico: presencial matutina, virtual matutina, presencial noturna e virtual noturna. Cada turma iniciou com 30 cursistas, totalizando 120 matrículas, e 47 participantes concluíram a formação: sete, 12, nove e 19, respectivamente. Os cursos contaram com a participação de pessoas ouvintes e contemplaram conhecimentos introdutórios de Libras, situações de interação e discussões relacionadas à língua, à comunidade surda e às possibilidades de utilização dos conhecimentos construídos em contextos acadêmicos, profissionais e sociais.

ISSN: 2358-8829

As aulas presenciais ocorriam no bloco de Turismo, FACEM (Faculdade de Ciências Econômicas) no *campus* de Mossoró-RN, situada na região oeste potiguar do Rio Grande do Norte. Por outro lado, as aulas virtuais eram transmitidas de dois possíveis locais, o primeiro, na sala denomina ANEXO da DAIN (Diretoria de Ações Inclusivas), trata-se de uma sala onde foi destinada ao uso dos Instrutores de Libras e Intérprete de Libras. A sala possuía alguns equipamentos como computadores, mesas e um *Cromakey,* onde poderíamos utilizar para gravação de material, avaliações, entre outras elementos relacionados a educação de Libras. O outro local é a sala da Direção, que temporariamente foi realocada para o uso dos instrutores de Libras em momentos de necessidade, como aulas virtuais que ocorressem simultaneamente de cursos virtuais, uma vez que eram ofertados cursos de nível intermediário e avançado em ambas as modalidades.

Para a construção do relato, foram consideradas as experiências vivenciadas durante a ação extensionista, as interações desenvolvidas nas aulas e os relatos espontaneamente compartilhados pelos cursistas, especialmente aqueles relacionados às possibilidades de comunicação com pessoas surdas e aos usos da Libras em diferentes contextos de suas vidas. Esses relatos emergiram das próprias situações de ensino e aprendizagem, não tendo sido produzidos mediante entrevistas ou outro instrumento específico de coleta.

Como fonte complementar, foram utilizados os registros das avaliações realizadas ao final dos cursos, compostas por questões sobre a formação, metodologia, recursos utilizados, atuação docente, aprendizagem e interesse pela continuidade dos estudos, além de espaços para comentários e sugestões. A participação foi voluntária e apresentou adesão reduzida em relação ao número de concluintes; por essa razão, os dados foram considerados apenas em relação aos respectivos respondentes, sem pretensão de representatividade estatística ou generalização.

A análise articulou as experiências e percepções identificadas durante os cursos aos referenciais sobre Libras, comunidade surda, ensino da língua como L2 e extensão universitária. Os dados quantitativos das avaliações foram tratados de forma descritiva, considerando o número efetivo de respostas em cada questão, enquanto os relatos e comentários contribuíram para a análise qualitativa. A interpretação privilegiou as contribuições percebidas pelos cursistas em suas vivências acadêmicas, profissionais e sociais, sem estabelecer relações causais ou considerar a conclusão do nível básico como indicativa de proficiência em Libras.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas, por meio da Lei nº 10.436/2002 e de sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626/2005, constitui importante marco para os direitos linguísticos das pessoas surdas e para a ampliação da presença da língua de sinais nos espaços educacionais e sociais. Esse reconhecimento relaciona-se a uma compreensão da surdez que ultrapassa perspectivas exclusivamente centradas na deficiência. Skliar (2001) problematiza concepções construídas a partir da ausência da audição, enquanto Strobel (2016) destaca experiências culturais surdas nas quais a visualidade assume papel central. Nessa perspectiva, as relações entre pessoas surdas e ouvintes envolvem também diferenças linguísticas e culturais.

A Libras apresenta organização linguística própria e estrutura-se em modalidade visuoespacial. Quadros (1997) contribui para a compreensão de sua aquisição e de seu funcionamento como língua natural, enquanto Quadros et al. (2023) sistematizam aspectos de sua organização gramatical. Para pessoas ouvintes que possuem a língua portuguesa como primeira língua, sua aprendizagem pode ser compreendida no campo do ensino de segunda língua (L2), envolvendo, além da construção de conhecimentos lexicais e gramaticais, a apropriação de recursos próprios de uma língua produzida no espaço e percebida visualmente.

No ensino de Libras como L2, Gesser (2010) destaca a importância de práticas que favoreçam a participação do aprendiz e o uso da língua em situações de interação, superando abordagens centradas exclusivamente na apresentação de sinais isolados. Rosário, Brito e Brito (2025) também ressaltam a necessidade de estratégias pedagógicas que considerem as especificidades visuoespaciais da Libras e promovam experiências contextualizadas de aprendizagem. A formação de pessoas ouvintes pode, portanto, articular conhecimentos linguísticos e possibilidades de comunicação com pessoas surdas em situações sociais, acadêmicas e profissionais.

Além da dimensão linguística, o ensino de Libras para ouvintes envolve aspectos socioculturais. O contato com a língua pode proporcionar oportunidades de aproximação com questões relacionadas à comunidade surda, à visualidade e às barreiras comunicacionais presentes nas relações entre surdos e ouvintes. Nesse sentido, as contribuições de Skliar (2001) e Strobel (2016) permitem compreender que a aprendizagem da Libras não deve assumir caráter meramente instrumental, mas considerar as pessoas surdas e suas experiências linguísticas e culturais.

ISSN: 2358-8829

As ações de extensão universitária constituem um dos espaços para ampliar o acesso de pessoas ouvintes à aprendizagem da Libras. Entretanto, essas formações apresentam configurações diversas nas instituições de ensino superior brasileiras. Viana (2026), ao investigar cursos de Libras como segunda língua ofertados nesse contexto, identificou diferenças quanto à organização, duração, conteúdos e materiais didáticos, evidenciando um campo ainda em processo de consolidação. A autora destaca a importância de compreender a Libras a partir de referenciais próprios do ensino de segundas línguas e observa a existência de propostas de caráter introdutório, frequentemente relacionadas à apresentação e à difusão da língua.

Essa compreensão é especialmente relevante para cursos organizados em níveis progressivos. A formação básica constitui uma etapa inicial de um percurso mais amplo e não corresponde, isoladamente, à aquisição de proficiência linguística. Pode, entretanto, proporcionar conhecimentos e recursos comunicativos iniciais que favoreçam a continuidade da aprendizagem. Assim, os cursos de extensão de Libras podem articular formação linguística, difusão da língua, experiências de comunicação e aproximação com aspectos socioculturais da comunidade surda, dimensões que orientam a análise da experiência desenvolvida na UERN.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência desenvolvida nos cursos de Libras Básico da UERN, no semestre 2025.1, possibilitou identificar diferentes sentidos atribuídos pelos cursistas à aprendizagem da língua de sinais. As quatro turmas iniciaram com 30 participantes cada, totalizando 120 matrículas, e 47 cursistas concluíram a formação: sete na turma presencial matutina, 12 na virtual matutina, nove na presencial noturna e 19 na virtual noturna. Além desses dados, as interações estabelecidas durante as aulas e os relatos compartilhados pelos participantes evidenciaram relações entre a aprendizagem da Libras e situações acadêmicas, profissionais e sociais.

Ao longo das formações, os cursistas relacionaram os conhecimentos construídos às possibilidades de comunicação com pessoas surdas em diferentes espaços de suas vidas. Essas manifestações indicam que, para os participantes, aprender Libras não se restringia às atividades realizadas durante o curso, mas se vinculava às relações comunicativas estabelecidas ou potencialmente estabelecidas fora dele. Essa relação entre aprendizagem e situações concretas de comunicação dialoga com a abordagem comunicativa discutida por Gesser (2010) e Rosário,

ISSN: 2358-8829

Brito e Brito (2025), que valoriza experiências contextualizadas de interação em lugar da aprendizagem isolada de sinais.

As discussões desenvolvidas nas aulas também envolveram aspectos relacionados à comunidade surda, às experiências das pessoas surdas e às barreiras comunicacionais presentes nas relações cotidianas. Dessa forma, a formação articulou conhecimentos linguísticos a questões socioculturais. Essa dimensão dialoga com Skliar (2001) e Strobel (2016), cujas contribuições permitem compreender a surdez para além de uma perspectiva exclusivamente centrada na deficiência e considerar a importância das experiências linguísticas, culturais e visuais das pessoas surdas.

Os registros das avaliações finais complementam essas percepções. Na turma virtual matutina, embora o formulário registre nove participantes no conjunto geral, as questões analisadas foram respondidas por oito cursistas. Todos consideraram que a proposta atingiu seu objetivo; sete atribuíram pontuação máxima à metodologia e aos recursos empregados e um atribuiu pontuação imediatamente inferior. Quanto à motivação, seis atribuíram nota máxima, e as demais respostas permaneceram entre as pontuações mais elevadas da escala. Em uma das turmas noturnas, o instrumento disponível reuniu seis respondentes, que atribuíram pontuação máxima à proposta, à motivação, à metodologia e aos recursos utilizados. Esses resultados indicam uma percepção favorável da experiência entre os respondentes, sem que possam ser generalizados para a totalidade dos concluintes.

A dimensão pedagógica também recebeu avaliações positivas nos instrumentos cujos resultados detalhados estavam disponíveis, especialmente quanto à interação, ao ambiente de aprendizagem, à organização didática, à clareza das explicações, aos exemplos e ao vocabulário trabalhado. Esses aspectos assumem relevância no ensino de uma língua visuoespacial e reforçam a importância de práticas que favoreçam participação e interação no processo de aprendizagem.

Os comentários registrados permitem compreender alguns sentidos atribuídos pelos participantes à formação. Entre os respondentes de uma das turmas noturnas, um cursista afirmou ter conseguido “ampliar meus conhecimentos em LIBRAS” e relatou aumento do interesse pela aprendizagem da língua, enquanto outro declarou que a formação “fortaleceu meus conhecimentos” e possibilitou aprender sobre Libras além do que esperava. Na turma virtual matutina, um participante caracterizou a iniciativa como forma de “democratizar o

ISSN: 2358-8829

acesso ao ensino de Libras". Esses registros relacionam a experiência tanto à ampliação de conhecimentos quanto ao interesse pela aprendizagem da língua.

A perspectiva de continuidade aparece também nas respostas ao questionário. Na turma virtual matutina, sete dos oito respondentes (87,5%) afirmaram pretender cursar o nível Intermediário e um (12,5%) respondeu "talvez"; todos declararam que voltariam a realizar um curso ofertado pela instituição. Considerando que os cursos da UERN se organizam nos níveis Básico, Intermediário e Avançado, esses dados sugerem, entre os respondentes, interesse pela continuidade do percurso formativo. Essa organização é coerente com a discussão de Viana (2026) acerca da necessidade de compreender o ensino de Libras como L2 em uma perspectiva formativa que ultrapasse ações exclusivamente pontuais.

Os relatos e as avaliações permitem, assim, identificar contribuições nas dimensões linguístico-comunicativa e sociocultural. Na primeira, destacam-se a construção de conhecimentos iniciais sobre a Libras e as possibilidades percebidas de utilização da língua na comunicação com pessoas surdas; na segunda, a aproximação com questões relacionadas à comunidade surda, às diferenças linguísticas e às barreiras comunicacionais. Essas contribuições não significam aquisição de proficiência ao término do nível básico, mas caracterizam uma etapa inicial de aprendizagem e aproximação com a língua.

Nesse sentido, os cursos de extensão também contribuem para a difusão da Libras ao ampliar as oportunidades de acesso à sua aprendizagem por pessoas ouvintes. Essa difusão, entretanto, não deve reduzir a língua a um recurso instrumental de comunicação, pois seu reconhecimento envolve tanto sua organização linguística própria (Quadros, 1997; Quadros et al., 2023) quanto sua relação com as experiências linguísticas e culturais da comunidade surda (Skliar, 2001; Strobel, 2016).

Os resultados devem ser compreendidos à luz das limitações da experiência analisada. A participação nas avaliações finais foi voluntária e reduzida, e não foram obtidos resultados equivalentes para todas as turmas. Além disso, os instrumentos registraram percepções dos participantes e não foram concebidos para aferir proficiência, enquanto os relatos compartilhados durante as aulas emergiram das próprias situações de interação e não de entrevistas ou de outro instrumento específico de coleta. Também não é possível determinar, a partir dos registros disponíveis, as razões pelas quais 47 dos 120 matriculados concluíram os cursos. Esses aspectos impedem generalizações e indicam a necessidade de aperfeiçoar, em futuras ofertas, os mecanismos de acompanhamento e avaliação.

Mesmo com essas limitações, as diferentes fontes consideradas no relato apontam na mesma direção: os participantes associaram a aprendizagem da Libras à ampliação de seus

ISSN: 2358-8829

conhecimentos, às possibilidades de comunicação em diferentes contextos e ao interesse em continuar a formação. A experiência evidencia, assim, o potencial da extensão universitária como espaço de formação inicial de pessoas ouvintes e de difusão da Libras, articulando aprendizagem linguística e aproximação com questões relacionadas à comunidade surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender, a partir dos relatos e das percepções de alunos ouvintes participantes, as contribuições dos cursos de Libras Básico ofertados pela UERN, no semestre 2025.1, para suas vivências acadêmicas, profissionais e sociais. A experiência analisada evidenciou que os sentidos atribuídos à aprendizagem da Libras ultrapassaram os conteúdos trabalhados nas aulas, relacionando-se também às possibilidades de comunicação com pessoas surdas e à aproximação com aspectos linguísticos e socioculturais da comunidade surda.

As interações desenvolvidas durante as formações, os relatos dos cursistas e as avaliações disponíveis indicaram contribuições relacionadas à ampliação dos conhecimentos sobre a Libras, à construção de recursos comunicativos iniciais e ao interesse pela continuidade da aprendizagem. Os cursos constituíram, assim, espaços de formação linguística e de reflexão sobre as barreiras comunicacionais presentes nas relações entre pessoas surdas e ouvintes, sem que a conclusão do nível básico possa ser compreendida como aquisição de proficiência na língua.

Os resultados devem ser considerados à luz das limitações do estudo, especialmente da participação reduzida e voluntária nas avaliações finais e da ausência de acompanhamento posterior dos cursistas. Futuras ofertas podem incorporar mecanismos mais sistemáticos de acompanhamento da permanência, da avaliação da formação e dos usos da Libras pelos participantes após a conclusão dos cursos.

Conclui-se que a experiência extensionista desenvolvida pela UERN contribuiu para a formação inicial de pessoas ouvintes e para a difusão da Libras, articulando conhecimentos linguísticos, possibilidades de comunicação e aproximação com questões relacionadas à comunidade surda. A continuidade e o aperfeiçoamento dessas ações podem ampliar as oportunidades de aprendizagem da língua e favorecer relações comunicativas mais acessíveis entre pessoas surdas e ouvintes em diferentes espaços sociais, acadêmicos e profissionais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

GESSER, Audrei. **Metodologia de ensino em Libras como L2**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 2010. Material didático do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na modalidade a distância.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius Rodrigues da (org.). **Gramática da Libras**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023. v. 1. 511 p. ISBN 978-85-63240-15-6.

ROSÁRIO, Hilda Rosa Moraes de Freitas; BRITO, Higor Pereira de; BRITO, Camila Dias. Libras em ação: uma oficina de Libras para ouvintes. **Revista Saber Incluir**, Santarém, PA, v. 3, n. 2, e25010, maio/ago. 2025. DOI: 10.24065/rsi.v3i2.3011.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

VIANA, Manuela Maria Cyrino. **O ensino de Libras como segunda língua em cursos de extensão de IES brasileiras**. 2026. 292 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2026.